

# MANUAL PARA ESCOLAS ANTIRRACISTAS



camino  
school

# MANUAL PARA ESCOLAS ANTIRRACISTAS



## Ficha Técnica

### **Diretora Camino School**

Leticia Albernaz Guimarães Lyle

### **Gestão do Projeto e Design Instrucional**

Juliana Spinelli Ferrari Sinzato

### **Coordenação do projeto**

Leonardo Bento

### **Pesquisa e desenvolvimento de conteúdo**

Leonardo Bento

Juliana Bueno

Luciana Bento

Cintia Zatz

Gabriel Tacla

Tamires Campanati

### **Gestão de produção**

Vivian Pontes

Eduardo Natrielli

### **Coordenação de Design Gráfico**

Renata Lacerda

### **Design gráfico**

Alicia Gonçalves

## Sumário

<b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>p.5</b>
<b>2. AUTORIA</b> .....	<b>p.10</b>
<b>3. LEITORES CRITICOS</b> .....	<b>p.14</b>
<b>4. JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>p.24</b>
<b>5. OBJETIVOS DO MANUAL</b> .....	<b>p.35</b>
<b>6. GLOSSÁRIO</b> .....	<b>p.40</b>
<b>7. ANTIRRACISMO NA PRÁTICA ESCOLAR</b> .....	<b>p.56</b>
<b>8. CONVITE</b> .....	<b>p.86</b>
<b>9. PARA USAR E ABUSAR</b> .....	<b>p.93</b>
<b>10. MAPA/REDE DE INICIATIVAS ANTIRRACISTAS</b> .....	<b>p.100</b>

# APRESENTAÇÃO

1



**Fazer a coisa certa.**

**Fazer junto.**

**Fazer com ciência.**

**Gerar consciência.**

A vida da população negra e dos povos indígenas no Brasil não é fácil, nem nunca foi, em virtude de todo o passado escravocrata e seus haveres, que ecoam, ainda, hoje. Talvez por isso, falar de racismo faça muitas pessoas mudarem de assunto, desviarem o olhar ou, mesmo, encerrarem a conversa. Esse manual é a prova de que essas não precisam ser as únicas reações a um tema tão caro para a nossa sociedade.

Neste material, você vai encontrar orientações práticas e de fácil leitura. A ideia é que, a partir dele, consigamos compartilhar um pouco do nosso modo de fazer e das nossas

aprendizagens, quando o assunto é enfrentar o racismo estrutural que está embrenhado em muitas das nossas práticas.

Esse é o nosso ponto de partida: a sociedade de forma geral sofre com o racismo e a escola não é diferente. Então, assumir que existe racismo no espaço escolar é fundamental.

Nosso segundo passo pode receber diferentes nomes, como indignação, desconforto e inconformidade. Na sequência, propomos que é preciso diagnosticar o que emerge de relevante sobre esse sentimento, a partir da reflexão profunda e contextualizada. O quarto passo é a elaboração de um plano de ação que contemple ações, avaliações e monitoramento da mudança que estamos propondo.

## Apresentação

É a partir de quatro verbos que regemos um ciclo da ação antirracista: reconhecer, sentir, agir e avaliar. Um ciclo de reflexão constante com abertura para novas informações e devolutivas, correção de rotas, e quem sabe, novos destinos.

O passo do reconhecimento ainda precisa ser dado por muitas pessoas, mas para a grande maioria da população negra e dos povos indígenas, passar por situações racistas é mais frequente e escancarado. É um fato que pessoas racializadas são expostas a essas situações desde crianças.

A chegada na escola, muitas vezes, é o marco inicial de uma exposição à violências como o racismo e o bullying; este foi também o nosso lugar de reconhecimento. Assim, um grupo de professores, juntamente com a gestão da Camino School, decidiu



elaborar este manual. Primeiramente, porque entendemos e acreditamos que é necessário desenvolver uma educação antirracista e, depois, porque sabemos que é possível - e existem diferentes estratégias que contribuem para - essa construção.

Descolonizar mentes, corpos e práticas pedagógicas é a missão desse grupo, que propõe este manual como primeiro dispositivo de conversa. Existirão outros, esperamos que muitos outros. Até porque, estamos apenas começando, e ainda há muito a se aprender.

**Está feito o convite:  
Vamos juntas e juntos descobrir como  
podemos começar hoje a educação  
antirracista que queremos ver no  
mundo!**

Comissão de professoras e professores de  
referência em Relações Raciais da  
Camino School

2

AUTORIA



## CONTEÚDO



### **Juliana Bueno**

Estudante de pedagogia, professora assistente na Camino School e pesquisadora da Cultura Popular Brasileira.



### **Juliana Ferrari**

Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Head of Learning na Camino Education e pesquisadora da relação professor-estudante e da aprendizagem ativa.



### **Luciana Bento**

Socióloga, especialista em literatura infantil e mestranda em Educação na USP. Pesquisa sobre educação, relações raciais e literatura. Atua como consultora de acervo na biblioteca da Camino School.



### **Leonardo Bento**

Historiador, especialista em relações raciais e mestrando em Educação na PUC-SP. Coordenador da área de Engajamento Social da Camino School.

## PESQUISA



### Cintia Zatz

Analista e Gestora de Projetos, Especialista em Educação Bilíngue.



### Gabriel Tacla

Estudante de Direito, estagiário na Camino Education e explorador dos infinitos mistérios da vida, buscando meios de transformar a realidade coletiva.



### Tamires Campanati

Historiadora, Educadora e Produtora de Conteúdo Audiovisual.

# LEITORES CRÍTICOS

3



33

Ao longo do processo de construção do manual, contamos com o apoio dos seguintes membros da comunidade escolar e da sociedade civil, que se empenharam em ler e apresentar diversos pontos de vistas com olhar crítico e considerando a experiência que têm em relação ao tema, o que possibilitou aprimorar o documento de forma colaborativa.

### Aline Pizzol



*"Iniciativa necessária, cujo conteúdo precisa estar de acordo com os pilares da Educação Antirracista, propondo a construção de estratégias de aplicabilidade baseadas em uma política de permanência efetiva".*

Bacharela em Ciências Sociais - USP. Licenciada

pela Faculdade de Educação - USP. Mestranda do do Departamento de História Social da USP (Bolsista CAPES). Coursou Docência no Ensino Superior e Metodologias Ativas pela Pró Reitoria de Pós Graduação da USP. Integrante do Coletivo LudoGriô. Especialista em Relações Étnico-raciais, Associativismo Negro e Corporalidade Negra.

### Claire Annie Haber

*“Gostaria de celebrar cada um de vocês que esteve envolvido e dedicado a esse incrível e necessário documento!”*



Formada em Publicidade e Propaganda. Graduanda em Pedagogia no Instituto Singularidades e formada em Psicanálise no Centro de Estudos Psicanalíticos. Atuou na Camino School na área de captação, apoio às famílias e ao Programa de Edital de Bolsas com recorte racial, Family Liaison e Onboarding de novos estudantes. Hoje, faz parte do time de Whole Child Development.



## Giovanna Amabile



*“É importante o desenvolvimento de um documento como esse para aprimorar a inclusão para além da representação da diversidade”.*

Pedagoga formada pelo Instituto Singularidades, professora residente da Camino School e pesquisadora da pedagogia antirracista. Contadora do projeto Vamos Brincar de Ler, responsável pela curadoria de livros de literatura afro-brasileira e negro afetiva. Autora de material didático para formação de professores.

## Nanda de Oliveira

*“Eu achei o manual bom. Gostei das analogias utilizadas no capítulo Antirracismo na prática escolar. Tanto este capítulo quanto o “convite” apresenta*



*uma leitura objetiva, tida e fluida. Destaque para o capítulo “Para usar e abusar”. Amei as resenhas e os livros escolhidos. O mapa de rede de iniciativas também está muito legal”.*

Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela PUC-RS, servidora pública do TRT da 2ª Região, Autora de “Um Manual para chamar de nosso”, mãe preta de Inaê.

### Oswaldo Antonio Faustino



*“Trata-se de um material robusto, muito bem elaborado e substancioso, que aborda, a grosso modo, todos os aspectos da luta antirracista, desde a conceituação às propostas de ações diretas focadas nesse objetivo”.*

Jornalista, atuou nos principais veículos de

comunicação paulistanos, entre eles a revista Raça Brasil. Participou Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro, da USP e é ativista do movimento social negro; É autor de 12 livros infantis e juvenis. É Conselheiro do Museu Afro Brasil; Membro da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (COJIRA/SP); e Obá de Xangô.

### Samara Felippo Santana

*“Acho de extrema importância, abrange todos os pontos necessários, está super completo e acredito e espero que chegue principalmente nas famílias brancas que muitas vezes repetem em casa ações racistas sem nem acharem ou entenderem o que seja o racismo”.*



Atriz, produtora cultural e mãe de duas meninas que estudam na Camino School, ativista nas redes sociais sobre antirracismo, desconstrução da maternidade romantizada e etarismo.

## Dedé Ladeira



*“Uma escrita primorosa e um discurso assertivo”.*

Pedagoga, com experiência como professora de Alfabetização e Séries Iniciais do Ensino Fundamental I, Coordenação de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental I e Formadora de Professores, de Escolas Públicas em diferentes estados brasileiros. Atualmente é Consultora Pedagógica na plataforma de aprendizagem CLOE onde realiza a Formação de Professores de Escolas públicas e privadas.

## Suzana Fontenelle

*“Admiração pela iniciativa; minha impressão é que ter uma escola, particular, à frente desta iniciativa indica que a escola é engajada e inovadora, ciente da sua responsabilidade social.”*



Pedagoga, Formada em Administração Pública pela EAESP- Fundação Getúlio Vargas, Mestrado em Comunicação Social pela ECA-USP, MBA pela University of Houston, Diretora do Instituto Somos Todas Marias com foco em formações pedagógicas para micro empreendedoras de territórios periféricos, trabalho no time de Engajamento Social da Camino School.

## Rogério José de Souza

*“O Manual é de suma importância para educação continuada dos professores, oferecendo formação no campo da Lei 10639/03 e relações raciais no Brasil. A*

*iniciativa deve ser celebrada já que via de regra esse debate se intensifica nas instituições públicas de ensino e é invisível ou invisibilizada nas instituições privadas. O preconceito racial, os estereótipos que assolam a população negra, o racismo precisa ser combatido na mais tenra idade e as informações trabalhadas de forma majestosa municiam o professor, a instituição “verem-se” como grandes protagonistas no processo de combate ao racismo estrutural.*

*No mais, o manual estimula a criação de metodologias que com certeza serão pensadas e trabalhadas pelos educadores no dia a dia da sala.*



*A seção de bibliografias e a descrição das experiências espalhadas pelo país é um deleite e um processo inspirador para que os professores investiguem e potencializem os conhecimentos que possuem na busca de novos saberes, novas ações que possam “fagular” não só alunos negros, mas alunos brancos no sentido de experienciar uma sociedade sem desigualdades raciais e sociais. Por fim, acredito que não há*

*preconceito que resista ao conhecimento e iniciativas como essa que vem se juntar a importante bibliografia sobre o tema que busca de forma científica, propositiva e sensível mobilizar o campo docente e discente a uma prática antirracista nas escolas”.*

Graduado, mestre e doutorando em História pela UFRJ. Pesquisa a aplicação da Lei 10.639/03 e relações raciais no Brasil com trabalhos publicados na área. Atua também no campo das juventudes e é coordenador pedagógico da Spectaculu - Escola Fábrica de Espetáculos. É militante do movimento social negro e co-fundador Coletivo Faixa Preta.

# JUSTIFICATIVA

# 4





**Colhemos ainda hoje a violência que plantamos no passado.**

**Estudantes negros e negras deixam suas escolas e abandonam seus estudos.**

**Nosso plano de sociedade não inclui a infância e a juventude negra.**

Depois de longos 300 anos de escravização de africanos e de seus descendentes, dizimização dos povos indígenas, desvalorização sistemática de suas culturas e da falta de políticas públicas que fossem capazes de garantir educação de qualidade e a inserção desses grupos no mercado de trabalho formal (com remuneração adequada e igualitária), a vida plena da população negra e indígena está impossibilitada. Ademais, somos imersos em um oceano de teorias e notícias

que sustentam o mito da democracia racial<sup>1</sup> ao longo de todo o século XX até os dias atuais. Esse mito, aliado a uma visão da meritocracia como condição de sucesso ou regra, nos torna fadados a sofrer na pele a dor de um sistema que não suporta, em seus diferentes níveis, a negritude.

No cerne da meritocracia e do mito da democracia racial está o individualismo exaltado pela sociedade em que vivemos. Por isso, é tão comum ouvir que uma pessoa “não é racista porque nunca xingou um negro” ou “porque tem amigos negros”. As afirmações individuais, em um cenário de racismo estrutural, são (além de vazias ou mentirosas, muitas vezes) apenas a ponta de um iceberg. Djamila Ribeiro, filósofa, escritora e pesquisadora brasileira, diz que, por vivermos em uma sociedade racista, é “dever de quem entende que esse mal precisa

---

<sup>1</sup>Trata-se da crença que foi difundida ao longo do século XX no Brasil e no exterior de que a convivência sempre foi pacífica apesar das desigualdades raciais.

ser eliminado, lutar contra ele”. Nós entendemos que, além disso, quem se propõe a construir uma sociedade antirracista precisa entender que isso se faz coletivamente. Isso não quer dizer que indivíduos não tenham poder de transformação da realidade racista<sup>2</sup>. Muito pelo contrário. É justamente por acreditar na transformação e na reparação histórica que este Manual chega até vocês. A mudança será feita coletivamente.

A ideia de que precisamos lutar contra o racismo poderia ser considerada base para a escrita do manual. Isso quer dizer que, o simples fato de ter estudantes negros e indígenas na nossa escola, já justifica este movimento. Mas esse é só o começo. Nossa história, escrita em dados, nos mostra que a justificativa do nosso trabalho é muito mais profunda.

---

<sup>2</sup>RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p.38

De acordo com o SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica, do 5º ao 9º ano nas disciplinas avaliadas (português e matemática), há diferenças consideráveis nos indicadores alcançados entre estudantes negros e brancos; os primeiros demonstrando menor aproveitamento acadêmico<sup>3</sup> nas avaliações, o que gera desigualdades educacionais que estão ligadas diretamente às desigualdades sociais.

Uma extensa pesquisa, intitulada Racial Discrimination in Grading: Evidence from Brazil (Discriminação Racial nas notas: evidências do Brasil) foi conduzida em parceria entre a Universidade de Duke, na figura de Marcos Rangel, e a Universidade de São Paulo, representada por Ricardo Madeira e Fernando Botelho.

---

<sup>3</sup><https://gestao.qedu.org.br/planilha/desigualdades-ligadas-a-cor-raca/>

A pesquisa mostrou a diferença nas notas em avaliações feitas em sala de aula e externamente. Nas avaliações feitas em sala, as notas dos alunos negros foram menores na avaliação dos professores de Matemática, e esse rendimento abaixo da média pode estar relacionado com as desigualdades sociais que afetam em maior escala a população negra e a forma como os professores ensinam.

Outro ponto de atenção é o índice de analfabetismo, que é de 3,6% entre brancos de 15 anos para cima, e de 8,9% entre pessoas negras de tal grupo<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf)

Segundo dados da PNAD 2019, pesquisa realizada de forma contínua, a evasão escolar no Brasil foi da ordem de 50 milhões de pessoas entre 14 e 29 anos, equivalente, em média, a cerca de 20% da população; dentre esses, pretos e pardos somavam 71,7%<sup>5</sup>. Outro estudo realizado a partir da PNAD 2017 aponta que 22,9% de pessoas brancas com mais de 25 anos possuíam curso superior completo, enquanto menos da metade, 9,3% de pessoas negras tinham a mesma escolaridade.

Muitas pessoas negras (pretas e pardas, de acordo com o IBGE) e indígenas apontam o ambiente escolar como o primeiro espaço de contato com situações traumáticas relacionadas ao racismo e à discriminação.

---

<sup>5</sup><https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/07/16/interna-brasil,872571/as-razoes-da-evasao-escolar.shtml>

Isso é reflexo de currículos que são, em sua maioria, construídos sob a ótica branca e eurocentrismo. Dessa forma, crianças e jovens, negros e indígenas, se identificam com a sub-representação, que nesse modelo considera as culturas não brancas como inferiores.

Em um ambiente onde, muitas vezes, a discriminação parece ser a regra, não é de se estranhar que a evasão escolar entre os jovens negros e indígenas ocorra com maior frequência. Seja por não terem perspectivas de que o estudo lhes trará novos futuros, seja porque a necessidade bate à porta pedindo que entrem cada vez mais cedo no mercado de trabalho.

Nossa justificativa também está nos movimentos contrários: Nos últimos vinte anos, alguns passos foram dados no sentido de diminuir as desigualdades apresentadas a partir da criação das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, que alteraram a LDB e estabeleceram a obrigatoriedade de ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena a partir de um ponto de vista positivo. É no movimento de uma legislação que existe, mas precisa ser colocada em prática, que este manual se apresenta. Pois, mesmo com o empenho do Estado em adequar essas disparidades a partir da educação, a execução das leis acaba sendo uma ação individualizada em muitas escolas, sem haver o envolvimento da comunidade escolar<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup>COSTA, Candida Soares da. Dez anos da implementação da lei 10.639 / 2003: algumas evidências. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. Relações Étnico-Raciais e Diversidade. Niterói: Eduff, 2013.



Isso revela o tamanho do nosso desafio: não se trata apenas, portanto, de criar regras para que a escola seja antirracista, se trata também de fazer com que o corpo docente, a gestão e toda a comunidade escolar escolham o caminho antirracista para aprender.

Sabemos que a educação é uma ferramenta capaz de libertar o indivíduo criando possibilidades para a percepção da realidade de forma crítica e transformá-la, assim como permite a ascensão e a valorização social. A partir disso, entendemos também que:

“Só a própria educação  
é capaz de desconstruir  
os monstros que criou e  
construir novos indivíduos  
que valorizem e convivam  
com as diferenças.”

**(Kabenguele Munanga)**

Nessa fala do antropólogo e professor aposentado da USP Kabenguele, está a aposta deste manual: uma mudança que terá como ponto de partida a escola. Porque acreditamos que acabando com o racismo, os benefícios não serão direcionados somente para negros e indígenas, mas para toda a sociedade, que poderá usufruir da convivência com a diversidade.

5

33

OBJETIVOS



**Ser prático.**  
**Ser útil.**  
**Ser um dispositivo de diálogo.**

Um manual, de forma geral, tem como objetivo orientar o uso de objetos, equipamentos, ingredientes ou ferramentas.

Já o **Manual Para Escolas Antirracistas** tem uma intencionalidade ousada: ser um instrumento que permite à comunidade escolar mudar a realidade que é estruturalmente nociva para toda a sociedade, tendo como passo fundamental a descolonização do olhar que resulte em atitudes e ações cotidianas. Essa ousadia vamos encarar com decisões coletivas, práticas refletidas e muito diálogo.

### **Quem precisa deste manual? Toda pessoa que acredita numa educação antirracista.**

A **gestão escolar**, pois precisa estar atenta a tantos elementos: o Projeto Político Pedagógico, o currículo, os diagnósticos, a criação dos planos de ação e aprendizagem, a avaliação e o acompanhamento do desenvolvimento integral do estudante. Em cada um desses elementos reside um detalhe, um jeito de fazer as coisas que precisa ter o antirracismo como foco, gerando qualidade educacional e eficiência pedagógica para todo e qualquer estudante.

O **corpo docente** que aqui é convidado a ampliar seus horizontes, cuidando para que sua formação continuada traga olhares mais diversos e para que as relações e demonstrações de afeto sejam

equilibradas com todos os estudantes.

Os **estudantes** aqui são convidados a olhar para algo muito comum: o chamado racismo recreativo.. Piadas e apelidos depreciativos e de cunho racial que criam um processo de inferiorização de pessoas negras e indígenas, interferindo não só na aprendizagem hoje, mas ao longo de toda a vida. Alunos brancos também precisam ser racializados, entender que possuem privilégios na sociedade e que fazem parte da solução dos problemas causados a negros e indígenas.

A **comunidade escolar** tem três missões importantíssimas: a ampliação de horizontes, a erradicação do racismo cotidiano e o monitoramento do caráter antirracista das práticas escolares.

## Objetivos do Manual

É, portanto, objetivo deste manual, oferecer suporte para dúvidas cotidianas e portas abertas para reflexões coletivas. O critério de sucesso desta ferramenta é a percepção de que a construção de uma educação antirracista é algo possível e que podemos, todos, começar, hoje mesmo, a colocar em prática.

6

# GLOSSÁRIO





## **Falar a mesma língua. Interpretar com o olhar antirracista**

Ao iniciarmos uma comunicação de qualidade, a primeira tarefa é compreender o idioma. Por isso, vamos começar com um pequeno glossário (ou um mapa com o indicativo de quê lugar estamos falando) que nos ajuda a alinharmos expectativas de interpretação com o uso de cada termo aqui empregado. Para a construção de uma educação antirracista, esse alinhamento é fundamental.

**Antirracismo** - É um conjunto de práticas ligadas às questões raciais, como relações étnico-raciais, relações de poder, estrutura social, tensões, preconceitos, entre outras, e que, se colocadas em práticas, estimulam o

autoconhecimento e a compreensão da sociedade, em especial das questões raciais e das relações de poder que estão envolvidas, bem como o desenvolvimento de ações que incluem reconhecer o privilégio branco, perceber o racismo internalizado em você, apoiar políticas educacionais afirmativas, transformar seu ambiente de trabalho, ler autoras e autores negros, questionar a cultura que consome, combater à violência racial e conhecer seus afetos e desejos<sup>7</sup>.

**Branquitude** - No Brasil, ser branco e exercer a “branquitude” vai além do fenótipo. Ter pele clara, feições europeias e cabelo liso, mesmo que se tenha sangue negro, permite o exercício da “branquitude” a partir da posição e do lugar social que esses sujeitos ocupam.

---

<sup>7</sup>RIBEIRO, Djamil. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo. Companhia das Letras, 2019

Tal posição se articula com os privilégios sistemáticos no que diz respeito a recursos materiais e simbólicos gerados no colonialismo e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Trata-se, assim, do exercício de poder consciente ou inconsciente em seu cotidiano, estabelecendo as desigualdades raciais<sup>8</sup>. Exemplo: Você já foi ao shopping de bermuda e de chinelos? Se sim, havia um segurança te perseguindo? Então, se a resposta foi não, este exemplo aponta o seu lugar de privilégio. Pois a sua roupa e a sua pele não causam no oficial de segurança ou em um policial a convicção de que você está naquele ambiente para roubar. Para além do racismo, que já é propagado, o treinamento destinado a esses profissionais muitas vezes reforça e incentiva práticas racistas.

---

<sup>8</sup> SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*. São Paulo. Annablume, 2014.

Outro exemplo é um quadro de fotografia em que se encontram apenas magistrados brancos reunidos . Trata-se de um lugar de poder ‘reservado’ para pessoas brancas.

**Colonialismo** - Foi um sistema implantado pelas potências europeias em territórios como Américas, África e Ásia, que se manifestou de diferentes formas e em diferentes períodos, mas que, basicamente, tinha como pilar, o domínio territorial, a exploração de matérias primas, a exclusividade nas transações comerciais, bem como uma marcante imposição cultural externa sobre os povos desses territórios, resultando em sua inferiorização.

**Colorismo** - É uma ideologia e uma prática que significa colocar pessoas racializadas<sup>9</sup> em

---

<sup>9</sup> Processo social pelo qual pessoas eram diferenciadas a partir de características fenotípicas.

lugares pré-determinados de subalternidade por meio de um processo de hierarquização racial, na qual a branquitude ocupa os lugares de maior privilégio e as pessoas pretas são colocadas nas posições de menor importância na sociedade. Quanto mais afastadas do referencial de branquitude, menos possibilidades de mobilidade social. Dessa forma, pessoas negras de pele mais clara acessam espaços que são mais restritos a pessoas negras de pele retinta, mas ainda assim não estão livres do racismo.

**Classe** - Trata-se de um conjunto de indivíduos numa sociedade que se diferenciam a partir de diferenças econômicas, culturais, políticas e sociais. A estratificação socioeconômica de uma sociedade determina a divisão das classes. No Brasil, por exemplo, o IBGE 2010 identificou a existência de 3 classes, adotando critérios de análise como acesso a saneamento básico, rede de esgoto, nível de escolaridade, tipo e valor de

moradia, dentre outros. São essas as classes alta, média e baixa.

**Discriminação** - É a segregação de um grupo, dificultando ou impedindo o acesso a determinados espaços por suas características. É o tratamento desigual que acaba hierarquizando as pessoas. Por exemplo: restringir a ocupação de determinados cargos no mercado de trabalho por pessoas negras e indígenas.

**Etnia** - Etnia é atribuída a um grupo que possui características físicas semelhantes, mantendo língua própria, religião e vivendo no mesmo território.

**Etnocentrismo** - Visão de mundo na qual o indivíduo e/ou povos escalonam e avaliam outros indivíduos ou grupos sociais

tomando como parâmetro o grupo a que pertencem. O etnocentrismo é consequência do racismo<sup>10</sup>.

**Letramento racial** - Ler e escrever são práticas sociais que nos permitem compreender o funcionamento de uma língua, bem como compreender os seus significados. Utilizando essa analogia, compreender as relações raciais no Brasil está alinhado com a assunção da posição política: não há neutralidade no ato de ler e ensinar. Logo, nos confere a necessidade de nos posicionarmos e agirmos contra a estrutura racista.

**Meritocracia** - Este é um dos pilares da sociedade moderna capitalista.

---

<sup>10</sup> LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo. Selo Negro, 2004.

Através dele, crê-se que posições hierárquicas são conquistadas com base no “mérito”, a partir da capacidade individual. No entanto, os indivíduos não partem de condições iguais. Isso faz com que o discurso meritocrático torne-se a aceitação de uma desigualdade que é apresentada como merecida<sup>11</sup>.

**Microagressões** - São as pequenas ofensas de fundo racista que são facilmente justificadas por outros motivos que não o racismo. Em geral, quando ocorrem são consideradas como um mal-entendido ou um simples erro. Apresentam muitas vezes a sutileza do racismo brasileiro; são cotidianas e as pessoas racializadas passam por isso várias vezes ao dia, impactando a qualidade de vida e o relacionamento geral com as pessoas que as provocam.

---

<sup>11</sup> <http://www.anpt.org.br/images/olds/arquivos/anpt21234O9608978.pdf>



Exemplo: Quando as pessoas perguntam frequentemente coisas como “você foi contratada por políticas de ações afirmativas?” “Você entrou na faculdade por cotas?” “Seu cabelo é de verdade?” “Você nem parece negra, não sabe sambar!”

**Mito da Democracia Racial** - falar em democracia racial é assegurar que em uma sociedade não existam tensões e desigualdades pautadas a partir da diversidade racial. Ao introduzir a democracia racial como mito, estamos afirmando que se trata de uma falácia construída para conter tensões raciais e manter privilégios, pois existem desigualdades de acesso a bens, serviços, inserção no mercado de trabalho, bem como garantia de direitos entre pessoas historicamente racializadas.

**Negritude** - A negritude foi um movimento cultural liderado por Leopold Senghor<sup>12</sup> que postulava a união união entre africanos e negros que foram escravizados, considerando a valorização da cultura negra e tendo como um de seus pilares a luta contra o racismo.

**Preconceito** - É uma opinião pré-concebida, formada a partir de um estereótipo sobre um determinado indivíduo ou grupo. O preconceito não tem fundamento nos fatos, é uma forma de reforçar atitudes discriminatórias. Exemplo: Quando se fala que o cabelo crespo é ruim, adjetivando negativamente as características dos cabelos da maioria das pessoas negras, isso é uma opinião formada a partir de uma crença

---

<sup>12</sup> Léopold Sédar Senghor foi um político e escritor senegalês. Foi presidente do Senegal, de 1960 a 1980. Foi, juntamente ao poeta antilhano Aimé Césaire, ideólogo do conceito de negritude.

consolidada na sociedade e reproduzida pelas pessoas, generalizando uma característica específica a toda a variedade de cabelos crespos e autocuidado dos indivíduos.

**Privilégio** - São todos os benefícios, vantagens e posições de poder concedidos às pessoas na medida em que elas se inserem na cultura dominante.

**Raça** - Não existem raças humanas. Então por que falamos tanto sobre raça? Falamos de raça porque foi uma construção falaciosa que motivou a categorização e hierarquização, a partir de parâmetros de diferenças culturais que serviram como explicação para a subjugação de diferentes povos. Quando a raça é atribuída às pessoas, não há base científica, mas trata-se de uma criação da sociedade. Dessa forma,

a diferenciação entre seres humanos considera a partir de um olhar social, um conjunto de características físicas (cor de pele, traços fenotípicos, tipo de cabelo) e culturais (ascendência de origem africana, indígena, latina, cigana, dentre outros) que possibilitam a diferenciação entre grupos humanos.

**Racismos** - O racismo de modo geral é uma ideologia dominante que, ao ser materializada, confere tratamento diferenciado a uma pessoa ou grupo de pessoas baseado na raça. Acarreta desvantagens sistemáticas e gera desigualdades e/ou eliminação do indivíduo ou grupo. Para elencar alguns tipos de racismos, temos o racismo que se dá no campo **individual**<sup>13</sup>, **institucional**<sup>14</sup> e **estrutural**<sup>15</sup>. Esse último é apresentado a partir da construção das mentalidades que naturalizam por exemplo, práticas racistas inconscientes e, assim, a vida cotidiana

é atravessada por práticas sociais e pela reprodução de imaginários que afetam os meios de comunicação, a indústria cultural e o sistema escolar, dentre outros. Logo a reprodução de lugares sociais, do que é bom e do que é ruim, é apresentada na construção da estrutura social. Exemplo: As novelas apresentam homens e mulheres brancas ocupando lugares de poder enquanto pessoas negras são representadas como bêbadas, maldosas e degeneradas. O telejornal apresenta empresários, magistrados e políticos brancos como representantes do

---

<sup>13</sup> O racismo praticado de forma individualizada é tido como uma deturpação ética, aliada a desvios psicológicos e que em certa medida é combatido, dado a sua irracionalidade, através do campo jurídico por meio de sanções civis ou penais. Dessa forma, não é caracterizada a existência do racismo, mas do preconceito.

<sup>14</sup> A desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são homogeneizadas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos”.

<sup>15</sup> ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019

sucesso na sociedade capitalista. O sistema educacional não apresenta pessoas negras como protagonistas da história, mas ocupando o lugar de escravizado ou de quem está em apuros financeiros. Logo, essa estrutura social introjeta a ideologia racista como algo natural.

**Racismo reverso** - O racismo reverso é negar, inverter ou tentar colocar brancos na posição de vítimas do racismo estrutural, o que é uma aberração numa sociedade em que a maior parte dos dados apresenta a população negra em condição de desvantagem. Dados que vão de inserção no mercado de trabalho ao acesso de tratamento de saúde de qualidade e de evasão escolar ao índice de mortalidade.

Os dados nos auxiliam a ampliar nossa visão e entender que o racismo tem cor e destino no Brasil: ele é evidentemente antinegro. Ser branco no Brasil é estar em uma posição de normalidade para gozar de um lugar de conforto e privilégio. Não de ser discriminado pela estrutura social<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup><https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2022/N%C3%A3o-existe-supremacismo-negro-nem-racismo-reverso>

7

# ANTIRRACISMO NA PRÁTICA ESCOLAR





**A escola como modelo de sociedade.**

**A escola como ensaio do que queremos viver fora dela.**

**A escola como espaço livre de racismo.**

Durante muito tempo, a escola foi espaço de reprodução de uma sociedade autoritária e machista, que não tolerava a diversidade de possibilidades da vida humana. Aos poucos, modelos inovadores começam a ser criados, e essas escolas vão se consolidando como comunidades de aprendizagem, espaços para o exercício ampliado da democracia, construção de liberdades e exploração de novas (e potencialmente melhores) formas de convivência em sociedade.

Apesar dos avanços, o racismo ainda

se apresenta como uma pedra no caminho. Algumas propostas (inclusive das mais inovadoras) desviam do assunto, outras encaram o racismo de forma superficial, como algo a ser corrigido apenas no comportamento individual dos estudantes. Assim, nos vemos diante da necessidade de trazer para a prática escolar a proposta do antirracismo, um convite para os quatro grupos que fazem as escolas serem o que são: gestão, professores, estudantes e famílias.

As práticas escolares antirracistas aqui descritas são algumas ideias de como reconhecer, sentir, agir e avaliar diante das ações e posturas racistas que a escola enfrenta ao longo dos seus dias (independente de seu caráter inovador). Essas propostas são, como dissemos, um dispositivo para iniciar diálogos e convidar todos e todas para caminhar com empatia,

respeito e responsabilidade pelas ações individuais e coletivas.

### **Antirracismo na Gestão Escolar**

A gestão tem um papel fundamental em toda a estrutura de uma escola. E, se estamos falando em atingir o racismo que é estrutural, faz todo sentido que ela seja um dos elementos fundamentais da nossa proposta.

#### **Por que a gestão escolar precisa ser antirracista?**

A gestão escolar tem a visão do todo de uma escola além de legitimar as práticas escolares e, portanto, de garantir a coerência da sua proposta. É por isso que a gestão escolar de uma escola que se propõe a enfrentar o racismo precisa ser antirracista: primeiramente, porque sem essa demanda, as outras áreas não

vão rever suas práticas (sabemos que o cotidiano escolar pode ser caótico). Em segundo lugar, porque, sem seu apoio, ações individuais ou de pequenos grupos perdem força e tendem a desaparecer.

Para implementar e viabilizar práticas antirracistas no corpo docente e legitimar ações que já acontecem no cotidiano escolar, a gestão precisa ter clareza, comunicação objetiva e dados confiáveis do que acontece todos os dias na escola.

Como diz nosso parceiro, professor José Pacheco, “Escolas são pessoas” e, portanto, a visibilidade da gestão precisa ser ampla o suficiente para enxergar toda a comunidade escolar em suas mais diversas oportunidades de interação e relacionamento.

Para garantir a lucidez de uma gestão escolar antirracista, é necessário começar com um diagnóstico.

O diagnóstico do racismo que está em nossas escolas não é uma ação pontual, mas uma estratégia de **acompanhamento e monitoramento contínuos**. Para isso, é importante dispor de ferramentas como:

- uma central de suporte (aqui será feito o acolhimento e encaminhamento para as situações que surgirem). A pessoa ou o grupo responsável fará um tipo de documento com um formulário de descrição da ocorrência, levantando dados para auxiliar nas ações diagnósticas. Um mecanismo simples e de fácil acesso (como uma caixa para denúncias, elogios, sugestões);

## Antirracismo Na Prática Escolar

- um fórum para discussões (composto pelos diferentes atores da comunidade, pode ser um grupo de mensagens ou uma reunião recorrente); e
- um plano de ação antirracista (tomada de decisão e como endereçar casos e padrões racistas na comunidade escolar).

Assim, o ciclo reconhecimento,-sentimento-ação-avaliação pode estar continuamente em operação, devendo ser garantida a recorrência de cada uma dessas práticas.

Além do cotidiano escolar, cabe à gestão manifestar sua decisão de construir uma educação antirracista também a partir de decisões estratégicas, que vão desde a formação do corpo docente até o desenho das ofertas de bolsas de estudo para a composição de um corpo discente diverso e representativo. Cabem aqui análises de parcerias institucionais, avaliação de consultorias e contratações para garantir que todos os envolvidos no ecossistema da escola compartilhem da mesma premissa: educação de qualidade é direito de todos e todas, e que as nossas práticas podem e devem promover a reparação histórica das populações afro-indígenas.

### **Aqui trazemos uma lista de ações para ser e formar gestores escolares antirracistas:**

#### **1**

Conhecer as legislações sobre Educação para as relações raciais. Exemplo: Leis nº 10.639/03 e 11.645/08; Parecer CNE nº03/2004.

#### **2**

Reestruturar o Projeto Político Pedagógico com a comunidade escolar de forma que o antirracismo seja um compromisso assumido no documento;

#### **3**

Assegurar uma construção curricular que valorize a cultura afro-indígena e que apareça de forma clara e objetiva;



#### 4

Implementar ferramentas que permitam a gestão identificar os efeitos do racismo no ambiente escolar;

#### 5

Repensar a lógica da pedagogia do evento<sup>17</sup> e tornar a pauta antirracista ação contínua na escola;

#### 6

Assegurar a compra e a disponibilização de livros, jogos e materiais pedagógicos que valorizem a cultura afro-indígena para uso em sala de aula e outros espaços pedagógicos;

---

<sup>17</sup>Segundo Bakke, a pedagogia do evento é o desenvolvimento de ações no ambiente escolar de acordo com datas específicas e comemorativas, muitas vezes essa realização é motivada por conta de alguma lei que obriga a escola a tratar de tema específico, como é o caso das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08. Muitas vezes elege-se o dia da consciência negra ou o dia 13 de maio para o desenvolvimento de uma ação pontual, voltando a abandoná-lo ao longo de todo o ano novamente.

### 7

Garantir a representatividade no corpo docente, contratando professoras e professores afro-indígenas;

### 8

Assegurar oportunidades para que cargos mais altos (coordenação, gerência e direção) na escola possam ser ocupados por pessoas afro-indígenas;

### 9

Garantir que haja espaços na escola onde seja possível dar visibilidade para ações que exponham de forma positiva e tragam à tona a afirmação da diversidade étnico racial;

### 10

Promover, de forma sistemática, contínua e contextualizada, palestras e seminários sobre diversidade étnico racial e que envolva toda a comunidade escolar.

O gestor nota 10, na luta contra o racismo, é aquele que não só realiza essas ações, mas faz delas seu padrão de gestão, tendo em mente a importância de sua prática cotidiana e estratégica para a construção de uma educação antirracista não só na sua escola, mas em todo o mundo.

### **Antirracismo no corpo docente**

Falar em práticas antirracistas na sala de aula não é tarefa fácil. Ao longo do tempo, esses espaços foram recebendo cada vez mais atribuições. São tantas as demandas dos professores e professoras, que a proposta de construir uma educação antirracista pode soar, para muitos deles, como mais trabalho. Por isso, vamos propor uma metáfora (primeiro, para facilitar a compreensão, segundo para que entendam que a educação antirracista não é uma lista de tarefas a ser cumprida, mas antes, o tapete sobre o qual

atuamos diariamente nas nossas salas de aula): a prática dos professores é como um molho de chaves. Cada chave é uma oportunidade de novos caminhos e descobertas. A prática antirracista faz com que esse molho seja grande e capaz de ser compartilhado com todos os estudantes, convidando-os a abrir novas portas a cada dia.

Por isso, a prática antirracista não é uma tarefa a mais do professor, mas uma premissa de trabalho. Aceitar o compromisso de mudar uma estrutura que reserva chaves para estudantes específicos, com ascendências muito restritas. Não se trata de comprar mais chaves, mas de oferecê-las a todos e todas.

Traduzindo essa premissa em algumas práticas cotidianas de professores e professoras, aqui está uma lista de ações e atitudes que oportunizam a construção de uma educação antirracista: que oportunizam a construção de uma educação antirracista:

### 1

Participar ativamente de formações significativas de letramento racial, a fim de que tenham percepção e compreensão de como se dá o racismo na sociedade brasileira e na escola, incluindo-se após a ocorrência de eventos específicos de racismo na escola, para que os indivíduos e o coletivo escolar aprendam a responder de maneira antirracista em todas as situações futuras;

### 2

Diante de situações de racismo recreativo, como piadas, xingamentos e apelidos de cunho racistas, intervir imediatamente e assegurar um desfecho reparador. Garantir que o agressor (e dependendo da situação, o coletivo) reflita sobre a reprodução do racismo como algo errado e inadmissível na sociedade e na escola em que queremos viver, e que se comprometa a atuar de maneira diferente no futuro, e que a pessoa ou grupo que sofreu se sinta acolhida e cultive a percepção de que não mereceu a agressão recebida;

### 3

Quebrar o silêncio diante de situações de racismo. Muitas vezes, será necessário reportar à gestão algum comportamento de colegas de trabalho e até de amigos próximos. Quanto mais recorrente forem as ações corretivas, mais o padrão antirracista se fortalece;

### 4

Garantir a distribuição de afeto de forma equitativa: muitos estudantes negros e indígenas se sentem preteridos diante de estudantes brancos. É importante garantir que os padrões de afetividade, empatia e acolhimento sejam os mesmos para todos.

### 5

Incentivar todos os estudantes, principalmente negras, negros e indígenas, a construir suas identidades raciais de forma positiva, compreender seu papel histórico na sociedade a partir de atividades e recursos que garantam a representatividade afro-indígena nas práticas de sala de aula.

### 6

Manter a atenção contínua e se responsabilizar pela construção de um currículo que diminua desigualdades e valorize culturas e narrativas diversas.

### 7

Conhecer e aplicar a legislação de uma prática docente antirracista; a Resolução CNE / CP N.1 2004: “a construção de estratégias educacionais que visem o combate ao racismo é uma tarefa de todos os educadores, independentemente do seu pertencimento étnico-racial”.

A construção de objetivos de aprendizagem é a base de toda a prática docente antirracista. Por isso, essas práticas não são tarefas simples ou pequenas ações individuais, mas antes, mudanças atitudinais e de padrões de todo um corpo docente que se une ao redor de um ideal de aprendizagens essenciais para a boa vida de todos e todas.



### **Estudantes antirracistas**

Não. Este manual não é uma apostila de formação de professores (destino de muitas iniciativas antirracistas), mas sim, um convite para uma nova construção social que demanda, para isso, a participação ativa de estudantes de todas as idades para modificar a lógica racista estrutural.

### **Por que estudantes podem e devem discutir o racismo em suas interações escolares?**

Primeiramente, porque a ideia de que desenvolver empatia é "se colocar no lugar do outro" não é nem muito acurada, nem muito possível. Não se pode vestir a pele do outro, mas podemos trocar sentimentos e reconhecer juntos o que cada ação provoca em nós, especialmente quando são ações cujo objeto de insulto é algo que não nos cabe escolher ou alterar,

como a nossa própria pele. Segundo, porque experiências que tentaram promover "vivências de racismo" se mostraram amplamente traumatizantes<sup>18</sup> para as crianças, assim como ser vítima de racismo também o é.

John Dewey dizia que "a educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida". Entendendo a escola como espaço fundamental de desenvolvimento da autonomia, da iniciativa e da crítica à realidade, nossa proposta é de que o

---

<sup>18</sup>Sobre essas experiências, ver o documentário Olhos Azuis (Eye of the Storm, 1970) em que a professora Jane Elliot promove vivências polêmicas de segregação e discriminação com seus estudantes.

estudante consiga atuar, justamente, nas situações em que o racismo se apresenta, de forma que elas sejam cada vez mais raras. Ou seja, não se trata de criar regras para “evitar o racismo”, mas de viver juntos de uma forma em que ele não tenha espaço, porque não faz o menor sentido e porque não faz parte do mundo no qual queremos viver.

Nesse sentido, não se trata também de educar (ou corrigir) apenas aqueles estudantes que praticam ações racistas. Se estivéssemos num jogo coletivo (como futebol, basquete ou vôlei), adiantaria treinar apenas um jogador? Sabemos bem que a resposta é não. Ser uma escola antirracista é um convite para um estratégia em que todo o esquema tático de jogo está voltado a um único objetivo: aprender juntos.

Como seres humanos, é bastante comum que não estejamos sempre no nosso melhor humor ou com disponibilidade para aprender de forma ativa. Quando a escola é antirracista e o caminho já foi trilhado de forma coletiva, estar num “dia ruim” não é desculpa para qualquer ação racista ou preconceituosa. A conduta racista deve ser objeto de sanção da escola, além da implementação de práticas de aprendizagem individual e coletiva sobre o anti-racismo.

Estar sensibilizado(a) para reconhecer o racismo nas interações cotidianas é um processo importante e, também, bastante complexo. Não se trata apenas de reprimir ações racistas dos colegas ou de criar regras de condutas que não serão toleradas. Aqui, digamos que o jogo terminou empatado.

Um grande zero a zero em que não temos mais racismo, mas também não criamos uma nova forma de interagir. Angela Davis, filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense, costuma dizer que não basta ser “não racista, é preciso ser antirracista”. Esse prefixo “anti”, denota ação. É um jogo ganho. Em que o time vencedor é aquele que atua (ou pontua) **contra o racismo** e não apenas deixa de praticá-lo.

### **No dia a dia, como ser um estudante antirracista? Aqui vão algumas ideias:**

#### **1**

Manter abertura para ouvir o outro, especialmente os colegas negros e negras;

#### **2**

Buscar ativamente reconhecer o racismo nas interações diárias;

### 3

Contribuir para o fim de ações caracterizadas como racismo recreativo. Exemplo: Não é uma piada chamar pessoas negras por “apelidos” de cunho racial;

### 4

Comunicar aos adultos responsáveis caso presencie alguma situação de racismo, mesmo que não ocorra com você. Às vezes, os colegas que são alvo do racismo não se sentem seguros para denunciar pois têm medo de ser excluídos do grupo;

### 5

Pesquisar sobre o assunto, buscando ativamente ler matérias, livros e assistir filmes sobre a temática e criar grupos de estudos;

### 6

Participar ativamente de formações significativas de letramento racial, a fim de que tenham percepção e compreensão de como se dá o racismo na sociedade brasileira e na escola, incluindo-se após a ocorrência de eventos específicos de racismo na escola, para que os indivíduos e o coletivo escolar aprendam a responder de maneira antirracista em todas as situações futuras.

### **Uma comunidade escolar antirracista**

Se mantemos aqui a ideia de que uma educação antirracista é um jogo coletivo em que os vencedores são aqueles que marcam pontos contra o racismo, a nossa comunidade escolar seria, nesta metáfora, uma torcida apaixonada.

O papel de uma torcida está longe de ser apenas espectadora de um jogo. Para muitos times, a torcida é mais um jogador, pois sua vibração e energia impulsionam aqueles que estão em campo (ou em quadra). Cabe também à torcida carregar a bandeira e a mensagem do time e, mais importante, cobrar dos jogadores e de toda a equipe (técnica e administrativa) uma postura correta e condições adequadas de vitória.

Por isso, quando falamos em uma comunidade escolar antirracista, estamos dizendo que famílias, responsáveis e todos os interlocutores da escola, atuam para que o racismo seja não só eliminado da escola, mas que dê lugar à construção de formas antirracistas de aprender, ensinar e agir no mundo.



**Listamos aqui algumas ações para dar início ao processo. Ao longo da caminhada na construção de uma escola antirracista, a ação da comunidade vai ganhando força e peso nas decisões escolares.**

**1**

Quando comunicado(a) de situações de racismo na escola, garantir que a versão da pessoa negra, sobre o acontecido, seja ouvida e valorizada;

**2**

Em situações de convivência familiar, garantir espaço para que referências negras façam parte das interações: personagens, filmes, músicas, livros e outros.

### 3

Garantir que, independente do espaço (público ou privado), não há espaço para o racismo recreativo. Isso implica se posicionar diante de piadas e comentários ofensivos, mesmo que não tenha nenhuma pessoa negra presente;

### 4

Cobrar, por meio de interações com professores e a gestão, que a escola desenvolva ações pedagógicas antirracistas;

### 5

Promover oportunidades para que o estudante frequente ambientes de valorização da cultura afro-indígena;

### 6

Mapear pessoas, grupos ou organizações que discutam ou promovam ações sobre diversidade étnico racial no entorno da escola;

### 7

Procurar se informar e participar ativamente de cursos sobre letramento racial;

### 8

Extinguir do seu cotidiano e se posicionar completamente contrário às práticas racistas de toda forma;

### 9

Destinar vagas de emprego, ou outras oportunidades de participação social preferencialmente para pessoas negras;

### 10

Repudiar qualquer tipo de manifestação racista que venha a presenciar e comunicar oficialmente às autoridades competentes;

### 11

Buscar e participar ativamente de cursos de letramento racial e antirracismo especialmente depois da constatação de casos específicos.

A construção de uma escola antirracista, como dissemos, não se faz apenas de pequenas ações individuais, mas de pactos coletivos.

É na busca constante pelo diálogo com pessoas negras, na interação com as vozes negras como referencial que conseguiremos

reconhecer, sentir, agir e avaliar o tipo de relacionamento que estamos promovendo em nossas escolas.

Para que tudo isso aconteça, é preciso não mudar de assunto, não fugir da conversa, não amenizar, mas encarar os desconfortos: de reconhecer que a população negra começa o jogo em desvantagem; de que pessoas muito próximas e que admiramos podem ser racistas; de que todos podem reproduzir discursos e interações que sustentam o racismo na sociedade. Além disso, é preciso agir, entendendo que, de um lugar de privilégio (que você pode ou não ocupar) cabe a nós fazer tudo aquilo que está ao alcance da escola comunidade.

8

CONVITE



## **Antirracismo na Gestão Escolar**

A intenção deste manual é ser um convite.

Como dispositivo de diálogos, queremos convidar toda a escola a assumir posturas antirracistas e ter o compromisso de iniciar ou ampliar o seu letramento racial.

Por isso, vamos sistematizar um pouco mais de como aceitar esse convite:

### **Seja um aliado**

Busque sentido no combate ao racismo, para que isso se torne uma questão importante para você e para a sua visão de sociedade.

## **Escute e aprenda com pessoas que estão fora da cultura dominante**

O maior bem que nós temos enquanto seres humanos é a diversidade. Conhecer e respeitar outras formas de se relacionar com o mundo é um passo primordial para que haja convivência harmônica em uma sociedade.

## **Chame para conversar**

O diálogo é uma forma bem eficaz de compreender as origens de um comportamento problemático e convidar a fazer de outra forma. Uma abordagem compassiva e gentil permite a conexão necessária para sensibilizar o outro. Ser antirracista é investir tempo e energia para acabar com o racismo.



## **Advirta as pessoas que estão sendo racistas**

Às vezes, é necessário intervir de forma enfática, sinalizando para pessoa que tomou uma atitude racista e para o grupo que presenciou a ação que isso é errado. Ao chamar atenção de alguém, saiba que a ação individual está inserida em um contexto social e a pessoa deve ser responsabilizada por seu ato, mas não deve ser rotulada.

## **Não fique na defensiva**

Se você receber uma advertência em público por uma atitude racista, tente não se justificar imediatamente nem reagir com irritação. Experimente ouvir com atenção e refletir sobre o que a outra pessoa acabou de dizer. Ninguém é perfeito ou está imune a praticar um ato racista de forma inconsciente.

## **Gaste o seu privilégio**

Use o seu poder para combater o racismo. Questione sobre a ausência de pessoas negras nos espaços que você ocupa. Certifique-se que as oportunidades que se abrem para você também sejam acessíveis a pessoas racializadas.

## **Chame para a reflexão**

Diante de microagressões e de práticas de racismo recreativo, faça perguntas que motivem à reflexão; “Por que você disse isso?”. “Não entendi a piada. Por favor, explique.” Quando a pessoa que está propagando o racismo é convidada a refletir sobre a inadequação da sua fala, ela mesma pode tomar consciência do erro.

## **Não se esconda atrás das boas intenções**

Muitas vezes, a intenção da pessoa não é ofender, mas a ofensa acontece. Se a sua intenção não é ofender, pare de agir e falar de forma que ofenda.

## **Pesquise mais**

Se você não se sente seguro para falar sobre um assunto, pesquise. Muitas vezes pessoas negras são acionadas o tempo todo para ensinar ou validar atitudes de pessoas brancas que não querem ser racistas. Não é obrigação das pessoas negras estarem disponíveis para ensinar o tempo todo. Pesquise por conta própria, estude, ouça quando outras pessoas estiverem dispostas a ensinar e orientar, mas não espere que toda e qualquer pessoa negra esteja disponível para ensinar.



**LEMBRE-SE**

**O RACISMO  
PREJUDICA  
TODAS AS  
PESSOAS**



9

# PARA USAR E ABUSAR



## Para usar e abusar

Para continuar aprendendo, montar grupos de estudos e ou dar os primeiros passos no letramento racial, sugerimos algumas leituras:

### O Pequeno Manual Antirracista

De Djamila Ribeiro pode ser um primeiro passo para quem está na fase inicial de letramento racial. A leitura é fluída, cativante e a autora dá várias dicas sobre antirracismo, como o próprio título do livro já diz.

### O Que é racismo estrutural?

É uma obra do Advogado Silvio de Almeida, muito explicativa sobre as bases que estruturam o racismo no Brasil. Não pode deixar de ler.

## Colorismo

É outra obra que não pode ficar de fora numaboalista. Nela, a advogada Alessandra Devulsky apresenta a classificação social entre pessoas de diferentes tonalidades de pele, acentuando mais uma faceta do racismo.

## Entre o encardido, o branco e o branquíssimo

É daqueles livros que abrem nosso horizonte para algo que está a um palmo de nossos olhos e não enxergamos. Nele, Lia Vainer Schucman analisa como a ideia da branquitude é absorvida e colocada em prática.

## **Racismo explicado aos meus filhos**

Obra escrita pelo cantor, compositor, advogado, doutor honoris causa e muitos outros atributos que são conferidos a Nei Lopes. Super indicada para se ler em família ou também em sala de aula, em linguagem rápida e direta, o bamba de Irajá, nos apresenta uma família multirracial e as armadilhas diárias de lidar com o racismo no cotidiano.

## **A África na Sala de Aula**

De Leila Leite Hernandez, é uma obra importante para entender a África contemporânea. Professoras e professores usem e abusem desse livro.



## Movimento Negro Educador

É um livro de Nilma Lino Gomes, primeira mulher negra a ser eleita reitora de uma Universidade Federal. No livro, a autora apresenta o movimento negro como aquele ‘que constrói, sistematiza, articula saberes emancipatórios produzidos pela população negra ao longo da história social, política, cultural e educacional brasileira<sup>20</sup>. Vale a leitura para entender as nuances do movimento social que ao longo dos últimos 40 anos tem atuado em diversas frentes que vai da denúncia de violação dos direitos humanos à educação.

## Um Defeito de Cor

Obra literária de fôlego escrita por Ana Maria Gonçalves, apresenta o Brasil no período da escravização, tendo como protagonistas pessoas negras e todas as suas desventuras. Ótimo para quem quer conhecer parte da história do Brasil.

## O Mundo Negro

Obra científica do historiador Almicar Araújo Pereira sobre a narrativa histórica do Movimento Político do negro no Brasil e no mundo contemporâneo.

## **Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade**

É um livro da educadora e cientista bell hooks que fala sobre o papel da educação e do professor de ensinar os alunos a transgredir as barreiras raciais, de gênero e de classe a fim de alcançar a liberdade frente à sociedade opressora.

## **Racismo recreativo**

Nesta obra, o Professor Doutor Adilson Moreira torna evidente a partir de um olhar crítico as mazelas que as piadas racistas são capazes de produzir no imaginário coletivo, bem como na inferiorização do negro de forma sistemática.

# MAPA DE INICIATIVAS

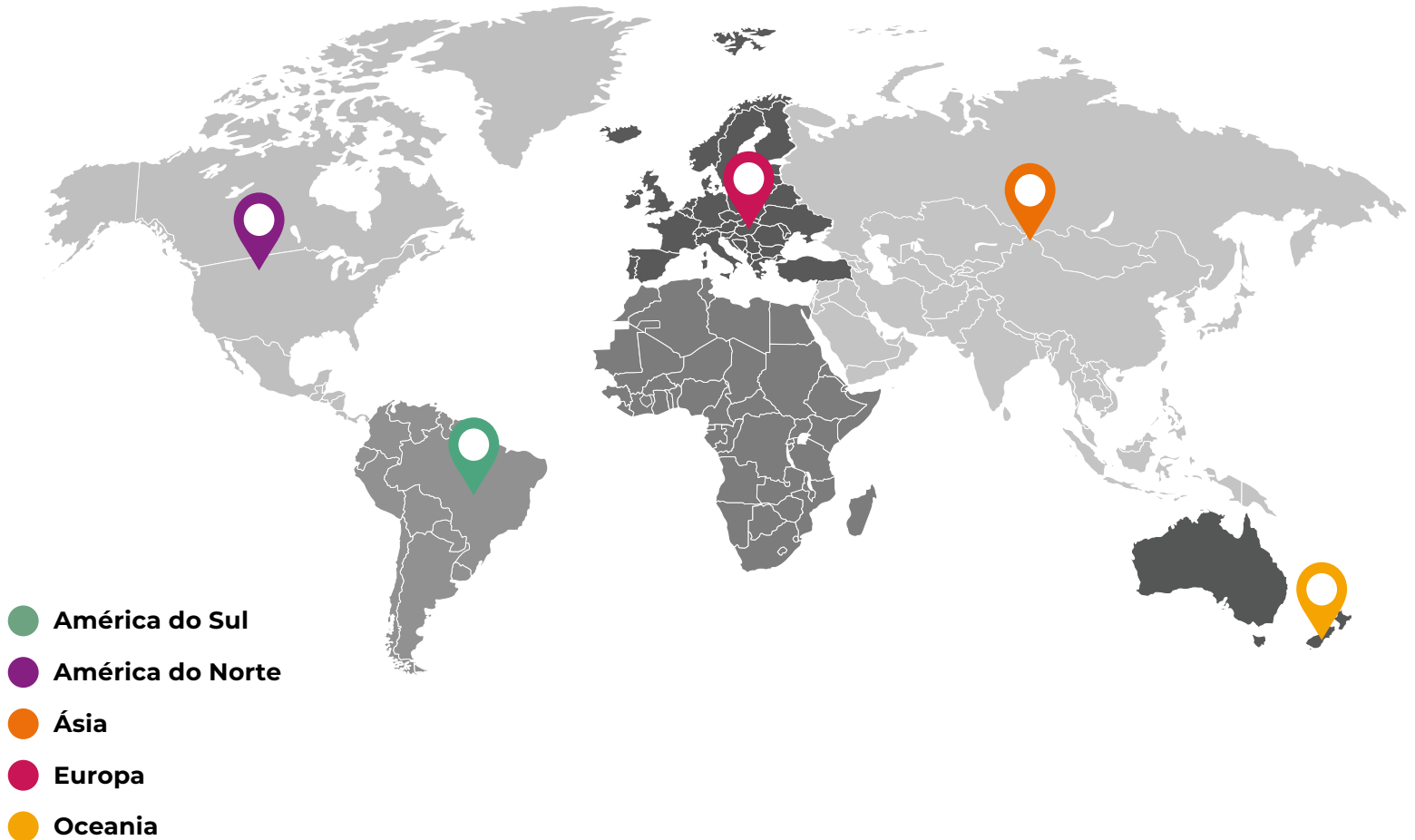
10



Como dissemos, o manual tem por objetivo a construção de uma escola antirracista. Por isso, é importante conhecer a rede de apoio e referência que pode nos ajudar nessa árdua tarefa. Aqui, mapeamos projetos e iniciativas no Brasil e no mundo que estão tornando a educação antirracista uma realidade com que se pode sonhar. Essas iniciativas nos inspiram e podem servir como ponto de partida para escolas que, como nós, querem trilhar o caminho de práticas antirracistas.

Antes de apresentarmos iniciativas globais, é importante frisarmos que o conceito de raça e o racismo em si possuem interpretações, referências e processos históricos diferentes daqueles do Brasil. Mesmo considerando essas diferenças, nosso objetivo não está no processo de formação desses conceitos, e sim, nas ações que podemos adotar contra a discriminação étnico-racial.

## Mapa/Rede de iniciativas antirracistas



# REFERÊNCIA

11

3



## Legislação nacional e internacional

Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988 (ver em especial arts. 3º, IV 4º, VIII 5º, XLII).

Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, aprovada pela Assembleia das Nações Unidas em 1965 e assinada pelo Brasil em 1966.

Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989. A Lei Caó define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, etnia, religião e procedência nacional.

Lei n. 9.459, de 13 de maio de 1997. Altera os arts. 1º e 20 da Lei Caó (Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989) e acrescenta o parágrafo 3º ao art. 140 do Código Penal, caracterizando como crime de injúria real a utilização de elementos referentes a raça



cor, etnia, religião ou origem. Define pena de três anos de reclusão e multa.

Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

Lei sobre crime de tortura – Lei n. 9.455, de 7 de abril de 1997.

Declaração e Programa de Ação de Durban adotados na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em Durban, África do Sul, em 2001.

Estatuto da Igualdade Racial – Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010.

## **Legislação da Educação brasileira**

Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação

nacional (LDB). Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 1996.

Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras e da Educação Relações Raciais em toda a educação básica (pública e privada). Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, nos arts. 26-A e 79-B.

Resolução n. 1, de 17 de junho de 2004. (Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas.) Parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CP 6/2002 que regulamenta a alteração trazida à LDB pela Lei n. 10.639/2003.

Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera e inclui no currículo oficial a história e a cultura dos povos indígenas do Brasil.

## Sites

Unicef (Campanha por uma infância sem racismo)

[unicef.org/brazil/por-uma-infancia-sem-racismo](http://unicef.org/brazil/por-uma-infancia-sem-racismo)

Associação Brasileira de Pesquisadores Negros  
(ABPN)

[abpn.org.br](http://abpn.org.br)

CEERT – Centro de Estudos das Relações do  
Trabalho e da Desigualdade

[ceert.org.br](http://ceert.org.br)

Ceafro – Educação e Profissionalização para Igualdade  
Racial e de Gênero

[pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-19809](http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-19809)

CONEN

[conen.org.br](http://conen.org.br)

Geledés Instituto da Mulher Negra

[geledes.org.br](http://geledes.org.br)

Quilombhoje (Cadernos Negros)  
[quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/](http://quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/)

Mundo Negro  
[mundonegro.inf.br](http://mundonegro.inf.br)

Alma Preta Jornalismo  
[almapreta.com](http://almapreta.com)

Centro Afro Carioca de Cinema  
[afrocariocadecinema.org.br](http://afrocariocadecinema.org.br)

Criola  
[criola.org.br/](http://criola.org.br/)

Museu Afro  
[museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao](http://museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao)

Instituto Luis Gama  
[institutoluizgama.org.br/luiz-gama/](http://institutoluizgama.org.br/luiz-gama/)

Ilù Obá de Min  
[iluobademin.com.br/](http://iluobademin.com.br/)

Olodum

[olodum.com.br/](http://olodum.com.br/)

Ilê Ayê

[ileaiyeoficial.com/](http://ileaiyeoficial.com/)

## Fontes bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019

BAKKE, Rachel Rua Baptista. Na escola com os orixás: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da Lei 10.639. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

COSTA, Candida Soares da. Dez anos da implementação da lei 10.639 / 2003: algumas evidências. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. Relações Étnico-Raciais e Diversidade. Niterói: Eduff, 2013.

LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo. Selo Negro, 2004.

MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo. São Paulo. Annablume, 2014.